

"O cotidiano cria a sombra que o esconde; o cotidiano é o campo geral de nossas relações mais fundamentais e decisivas, mas também o mestre ilusionista que retira delas a aparência crucial de vida ou morte - que bem poderiam ter, pois nossa vida inteira aí se joga - tornando-as comuns. Ele cria algo que, ao tê-lo como fundo, nos parece incrível, natural, irreduzível - como os lenços do mágico que se ocultam uns aos outros e à mão ligeiríssima que os manipula".

Fabio Herrmann

Foi dito um dia, o real é impossível e assusta até ser enquadrado no simbólico. E com razão. O nascimento precipita o bebê humano numa experiência aguda de derrelição. Tendo perdido o fio que o ligara ao real do útero materno o ser humano sofre um corte para o qual não possui meios de estancamento. E que haverá de construir e reconstruir ao longo de sua existência.

Digamos que o livro de Herrmann trata de analisar a criação recíproca do homem e de seu mundo. Com o alusivo título *Psicanálise do Quotidiano*, o autor reúne doze ensaios articulados que, pouco a pouco, compõem seu pensamento a respeito do objeto da psicanálise, ao mesmo tempo que fundamentam sua tese de que o "quotidiano é o lugar onde o real se transforma em realidade" (p.27).

Quotidiano: ou da necessidade de domesticar o real

Resenha de Fabio Herrmann,
Psicanálise do Quotidiano, Porto Alegre,
Artes Médicas, 1997, 248 p.

Porém, que não se engane o leitor, adverte Herrmann de início, pensando encontrar no livro um estudo dos desvios da suposta racionalidade do homem, matriz e origem de nossa disciplina, surpreendentemente estudado por Freud em sua *Psicopatologia da vida quotidiana*. A proposta do autor é analisar as próprias regras de constituição do cotidiano. Assim, declara: "Este livro tem um tema e dois propósitos. Almeja esboçar os contornos gerais de uma teoria do real e da realidade adequada à psicanálise e, ao mesmo tempo, compreender um pouco melhor a maneira pela qual os homens constroem sua realidade quotidiana. Por um lado, quer investigar o objeto da psicanálise, o Homem Psicanalítico, em seu

trajeto pelo cotidiano; por outro, e como conseqüência natural dessa investigação, interessa-se pelas próprias teorias psicanalíticas que dizem respeito ao real e à realidade" (p.29).

Na primeira parte, das cinco que compõem a obra, o autor reconhece o atual estado da psicanálise como um estado de crise, posto não ter conseguido realizar o velho sonho de possuir estatuto científico, e por apresentar-se, não como unidade, mas como convivência babélica de teorias. Porém regozija-se com o fato de as crises conceituais, às vezes, abrirem espaço à crítica, baliza capaz de orientar novos rumos de investigação. E, numa tentativa de colocar novamente o carro nos trilhos, trata de pensar uma teoria da realidade adequada à psicanálise.

Também nessa parte, em ensaio intitulado "Acerca da mentira e do erro necessário", Herrmann nos fala da instalação da humanidade no bebê ainda carente dela. Inicialmente o bebê vive no *cerco das coisas*. Tem fome e recebe alimento, "é uma máquina de necessidade acoplada a uma máquina de satisfação" (46). Porém, alerta o autor, o funcionamento da máquina de satisfação não é nada maquinal, pois a mãe comete seu *erro necessário* ao atribuir um psiquismo onde não o há e a relacionar-se com ele num jogo de *mentira*, infundável, que por final inventará o homem. A esse respeito, escreve: "À ruptura externa do cerco das coisas corresponde uma ruptura interna, de que o desejo é a medida, que, apesar de apontar para o exterior do sistema (desejo de algo), faculta toda possível relação consigo mesmo" (p.49). A partir desse modelo ficcional do surgimento do homem, Herrmann sugere, como hipótese de trabalho, que a *mentira original* está presente em todo processo de instauração da subjetividade, em qualquer etapa de nossa afirmação como sujeitos. Naturalmente também na relação analítica, e por isso aproxima a interpretação analítica a essa operação de *mentira*.

Na segunda parte Herrmann apresenta, através de três quotidianos distintos e de complexidade crescente, - apólogos bíblicos, histórias infantis, e observação de grupos de mães em atendimento psicológico - a forma da constituição do cotidiano. Na descrição e análise desses quotidianos, o autor revela regras de constituição da realidade, onde o real reduz-se ao que nomeia de *moralidade*. A moralidade pode ser considera-

da como o extremo do processo de familiarização. "Moralidade é, pois, o estado em que a eficácia real das regras eficazes está totalmente opacificada por um conjunto articulado de ilusões que se oferece como regra substitutiva e explicações da conduta e dos costumes" (p.100). Dito de outra maneira, a moralidade é o estado "em que o conjunto das regras inconscientes, tanto os conteúdos como sua lógica emocional, deve ser negado e substituído por algum correlato consciente ilusório, processo conhecido como formação do superego" (p.100). Encontra-se a moralidade nas diferentes instituições e organizações sociais, e, ela toma o lugar da efetiva reflexão moral.

Na terceira parte, Herrmann analisa algumas propriedades do *pensamento* e da *ação* humanos em relação a campos do real predominantes no mundo contemporâneo. Investiga então certos modos psíquicos arraigados nas práticas sociais dominantes, tais como *processo autoritário*, *farsa*, *ato puro* etc., que escamoteiam o jogo de interesses sociais. Reconhece aí que a teoria freudiana é rica no exame dos obstáculos internos que se opõem ao pensamento racional, cuja forma e lógica de produção são deixados de lado. Salaria que a maioria dos textos freudianos trata dos obstáculos que a lógica afetiva imprime à consciência. Porém, para Herrmann, "o pensamento vem do mundo e ao mundo se dirige: o mundo pensa-se através de mim, e o modo de meu pensar é o modo de ser deste mundo em que vivo" (129). Porém, na impossibilidade de pensar o mundo quando se instala o regime da farsa, o pensamento refugia-se no ato puro, resposta à condição de farsa autoritária.

Na quarta parte, depois de ter tratado do pensamento e ação no cotidiano, é a vez de tratar dos sentimentos. Analisa minuciosamente três sentimentos comuns, embora pouco tratados pela psicanálise: *saudade*, *teimosia* e *dor-de-cotovelo*. Para Herrmann, sentimentos são muito mais que sentimentos: eles criam mundos e sujeitos. Pois, para Herrmann os sentimentos, assim como o pensamento e o ato, são modos de construção do mundo, que inclui subjetividade e realidade cotidiana. Afirma o autor que um sentimento só pode ser reconhecido quando mergulhamos em seu mundo e nos impregnamos dele. É um engano pensar que o mundo a que se dirige o sentimento é o mundo real e que os sentimentos são transformações internas ou distorções da realidade. Longe disso. "A realidade cotidiana é criada pelos sentimentos e estes não constituem desvio de um paradigma de normalidade inexistente, nem devem ser procurados dentro do sujeito individual, mas na constituição intrínseca do mundo subjetivo, que é o único que existe, para cada sujeito e a cada momento" (p.190).

Há diferentes modos de mundo saudoso. Em um deles "o sujeito está preso aos representantes do passado e da ausência dos quais não se aceita desgrudar, recusando até mesmo a vida presente e o mundo social que o decepcionam continuamente. O melancólico vive aí exclusivamente; o histérico aí passa boa parte do tempo e encontra nessa região a fonte inspiradora para seus sintomas; outras patologias e modos psíquicos habitam-na de formas específicas" (p.191). O mundo saudoso é um mundo dividido cujo resto surge na forma de *relicário* ou de *retiro*. Relicário e retiro, apesar de assemelharem-se na forma, diferenciam-se pelas seqüências psíquicas. "O relicário é algo que possuímos, o retiro nos possui" (p.191).

O teimoso, também, tem seu mundo. De modo geral a teimosia pode ser considerada como um exagero da *mesmidade*. Relaciona-se ao sentido profundo de mesmidade, que habita o sujeito sob a forma de sentido de imanência. Este sentido de imanência não é absoluto. Oscila entre um sentido maior ou menor. Mas às vezes ele pode ser severamente afetado. Surge a teimosia, como tentativa de reassuramento do sentido de imanência. Porém, a teimosia é “um exagero do sentimento superficial de mesmidade em discrepância com o sentido profundo” (p.196).

Já a dor-de-cotovelo é um ataque visando a humanidade no homem particular... “Esta parece relacionar-se com um momento privilegiadíssimo da construção do homem, a saber: a transmissão da forma humana entre as gerações sucessivas... Aquele que transmite está sempre tentado a transmitir sua forma pessoal, suas idiossincrasias, e não a forma geral que é requerida. Também o que recebe luta para afirmar a própria individualidade, uma vez que este processo envolve exatamente o sacrifício do particular em prol do mais geral” (p.218).

E na quinta e última parte o autor examina detalhadamente a teoria freudiana da realidade em sua forma explícita, que trata da realidade perceptual e das distorções impostas pela fantasia. Porém, a partir da obra freudiana, nos espaços que deixa em aberto ou onde apenas insinua, Herrmann faz surgir “uma espécie de teoria implícita, que consiste em ver agir o real humano como um psiquismo concreto, não individual” (p.34).

Agrada sobremaneira ao leitor certa particularidade do texto. Ele consegue em sua materialidade, à moda da palavra plena, portar aquilo que introduz. Ao mostrar que a psicanálise é a arte do sentido, o próprio texto de Herrmann faz jorrar sentidos e não se deixa esgotar na leitura. Ao propor a noção de Inconsciente como a lógica que organiza, seleciona e constrói o pensamento, rompe com a idéia de dois mundos separados, o do consciente e do inconsciente. Não há mais lugar também para a dicotomia entre razão e desejo. Razão e desejo são inseparáveis, são faces da mesma moeda. É fato que Freud já o reconheceu, mas apenas num caso privilegiado, o do escritores criativos. No mais das vezes preocupou-se com as distorções impostas pelo desejo ao pensamento racional. Porém o texto de Herrmann é exemplar nesse sentido, e repleto de poesia. Sua leitura deleita o leitor, que vagueia ora pela beleza de uma construção, ora pelo tom de humor que se insinua acolá, ora pela familiaridade dos temas tratados, mas sobretudo pela capacidade de armar, por detrás dessa aparência, um precioso instrumento para pensar.

Assim, os conceitos apresentados são conceitos encarnados, quase à flor da pele, reconhecíveis no cotidiano de qualquer mortal. *Saudade, teimosia, dor de cotovelo...* quem não os sentiu, sofreu ou foi alvo deles? Mas não se iluda o leitor com a aparente simplicidade. Por detrás dessa aparência, nos deparemos com uma sofisticada e primorosa teorização a respeito da constituição da realidade e da subjetividade, assim como da fundamentação de uma prática psicanalítica. Esta deverá ser pensada como lugar de produção de sentido, reservando por isso lugar de destaque à interpretação. Mas de que interpretação se trata aqui? Longe de possuir um cunho explicativo, coisa contumazmente aceita como interpretação, o autor atribui a eficácia da intervenção analítica à assunção, conjugada, de duas posições: *aproximação e distância*. A distância permite compreender, a proximidade permite agir, explica. Comenta a ineficácia das explicações bem como da ação empática impregnada de afeto mas sem a apreensão do sentido. Defende, para a eficácia da ação terapêutica, uma espécie de paixão lúcida, que sofre e se regozija com as experiências do outro, sem perder de vista o desenho geral a que estas se subordinam. Finalmente, propõe que a combinação - e não a alternância - dessas duas posições permite simultaneamente, o sentir e o pensar.

Após este vôo panorâmico sobre a obra, surge uma inquietação. O livro vai além do que pudemos apresentar nessa resenha. A rigor, cada ensaio mereceria uma, tal sua complexidade. O livro é obra inacabada. Não no sentido de incompleta ou defeituosa, mas de obra aberta ao trabalho de pensamento, produtora de sentidos. Trata de algo - o cotidiano - que não se deixa apanhar em sua inteireza. Além disso, ele conecta-se com outra obra do autor, *Andaimos do Real*, e descortina o que será tratado numa terceira, *Psicanálise da Crença*. E por último, porque dialoga e assimila diferentes tradições psicanalíticas que, rearranjadas, transformam-se em pensamento vigoroso e original do autor. Resta então o convite à leitura.

Leda Maria Codeço Barone é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, e candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.